



Hilma af Klint  
The Ten Largest, Group IV,  
No. 3, Youth, 1907,  
Courtesy Hilma af Klint Foundation

## HILMA AF KLINT E PIET MONDRIAN: PARALELOS

FELIPE MARTINEZ - ABCA/SP

**RESUMO:** Este artigo trata da exposição “Hilma af Klint & Mondrian: Levensformen”, realizada no Kunstmuseum, em Haia, entre 2023 e 2024. O texto aborda os acertos da mostra, como os momentos em que a curadoria evitou semelhanças forçadas entre as obras dos dois artistas, bem como seus erros, como a impraticável relação entre a exposição e a crise climática atual. Além disso, o artigo explora o esoterismo presente nas obras de af Klint e Mondrian, argumentando que ele não pode ser dissociado da compreensão de ciência vigente na época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hilma af Klint, Piet Mondrian, Arte Abstrata, Esoterismo, Ciência.

**ABSTRACT:** This article addresses the exhibition “Hilma af Klint & Mondrian: Levensformen”, which was held at the Kunstmuseum in The Hague between 2023 and 2024. The text highlights the exhibition’s successes, such as when the curators didn’t fit the artworks in artificial similarities, and mistakes, such as the impractical relationship between the exhibition and the current climate crisis. Furthermore, the article also addresses esotericism in the work of af Klint and Mondrian and argues that it cannot be separated from the understanding of science of that time.

**KEYWORDS:** Hilma af Klint, Piet Mondrian, Abstract Art, Esotericism, Science.

## INTRODUÇÃO

Este texto trata da exposição “Hilma af Klint & Piet Mondrian: Levensvormen<sup>1</sup>”, que analisou comparativamente a obra do artista holandês Piet Mondrian e da artista sueca Hilma af Klint. A exposição foi fruto de uma parceria entre a Tate Modern, em Londres, e o Kunstmuseum, de Haia, detentor da maior coleção de obras de Mondrian em todo o mundo<sup>2</sup>. Não foi a primeira vez que as obras dos dois artistas foram expostas juntas. Em 1986, o mesmo Kunstmuseum (então chamado Gemeentemuseum) recebeu a mostra<sup>3</sup> “The Spiritual in Art”, na qual as obras da artista sueca foram expostas ao lado de outros pioneiros da abstração, incluindo Mondrian, Kandinsky e demais nomes relevantes do período. Desta vez, af Klint recebe mais destaque, não somente pela qualidade de sua obra, mas também em razão do reconhecimento dado a ela em publicações e exposições recentes, como as ocorridas em São Paulo e em Nova York<sup>4</sup>, que buscaram dar centralidade à sua obra dentro dos

movimentos de arte abstrata das primeiras décadas do século 20.

A exposição, tal como montada no museu holandês, mostrou as obras de ambos os artistas em 9 salas, cada uma caracterizada como um dos eixos da exposição. Além delas, a mostra ainda trouxe a excepcional série “As dez maiores”, um conjunto monumental de dez pinturas abstratas (fig. 1) descrevendo as diferentes fases da vida de uma pessoa, como juventude, vida adulta e velhice. Esta série foi exposta no térreo do museu, distante das demais obras presentes no primeiro andar. A distância física deixa a impressão de que as dez pinturas não couberam na proposta curatorial, que privilegia a relação dos dois artistas com a natureza.

No texto que apresenta o catálogo, os responsáveis pela mostra<sup>5</sup> ressaltam a importância de abordar a natureza em um mundo em rápida mudança climática e esperam que ela contribua para a reflexão sobre o tema<sup>6</sup>. A exposição não alcança esse objetivo, uma vez que não há

correspondência possível entre as obras dos artistas e o desastre climático, por mais que os textos do catálogo se esforcem para construí-la. Apesar disso, a relação de af Klint e Mondrian com a natureza é de grande interesse. Menos por sua capacidade de discutir os problemas climáticos de nossa época e mais porque coloca questões fundamentais para o campo da história da arte, mais especificamente para o desenvolvimento da arte abstrata.

Uma visão corrente da obra de Mondrian associa sua obra a princípios de organização e racionalização. Esses princípios, no entanto, perdem força diante de um exame mais atento de sua trajetória, como feito na recente exposição “Mondrian Evolution”<sup>7</sup>. Um bom exemplo dessa associação com ideias de organização e racionalidade está no texto escrito por Willem Sandberg para o catálogo da segunda Bienal de São Paulo, que contou com uma sala especial dedicada ao artista, então celebrado como figura central da modernidade europeia. No início



Fig. 1 - Hilma Af Klint  
*Infância*, da série “as dez maiores”, 1907  
Óleo sobre tela, 328x240 cm  
Hilma af Klint Foundation  
Foto: Felipe Martinez

do texto, o autor argumenta que ao ver uma pintura de Mondrian, “o espectador seria tomado por um impulso de organizar a própria vida” para em seguida contrastar a racionalidade do artista com a gestualidade das obras dos demais holandeses expostos naquela edição, como Frieda Hunziker e Karel Appel, mais próximos de uma abordagem expressionista<sup>8</sup>.

Não se trata de um personagem qualquer. Sandberg foi um dos principais nomes da arte ocidental no período pós-Segunda Guerra Mundial. Era o diretor do Stedelijk Museum Amsterdam durante as exposições do CoBrA, e teve papel fundamental no estabelecimento de uma história da arte holandesa nos anos 1950. A essa visão tradicional, expressa nas palavras de Sandberg, a exposição do Kunstmuseum contrapõe a ligação de Mondrian com a natureza e, por meio dela, aproxima a obra do holandês de af Klint. O texto que apresenta a mostra informa que, embora os dois artistas não tenham conhecido as obras um do outro, há diversos paralelos que podem ser

estabelecidos entre eles. Ambos partiram da pintura de paisagens e chegaram a fórmulas de abstração radicais. Esse caminho envolveu o contato com interpretações das teorias científicas da época e um interesse grande por esoterismo. Vejamos alguns desses paralelos.

## PARALELOS

Tanto af Klint quanto Mondrian começaram suas carreiras como pintores de paisagens. Esse é o tema do primeiro eixo temático da exposição (*Landschapschilders*, pintores de paisagem, em holandês). A formação de ambos seguiu o caminho das academias a que tiveram acesso no começo do século 20, ela em Estocolmo e ele em Amsterdã. Af Klint conquistou uma posição sólida no mercado sueco como pintora de paisagens, gênero que continuou praticando mesmo depois de iniciar seu trabalho com arte abstrata. As primeiras paisagens do holandês, por sua vez, se aproximam das obras dos artistas da Escola de Haia, mas

logo a paleta tonal - como praticada por Anton Mauve e Hendrik Willem Mesdag - se torna mais colorida e intensa, próxima do expressionismo que perdurou por tempo considerável nas telas dele. O jovem Mondrian experimentou com cores ousadas e intensas durante os quatro anos em que passou os verões na colônia de artistas em Domburg, na Zelândia, entre 1908 e 1912. É aí que ele começa a explorar verticais e horizontais puras, que posteriormente irão caracterizar sua obra (fig. 2).

A aproximação entre os pintores por meio das paisagens, no entanto, é muito genérica. Boa parte dos artistas que iniciaram suas carreiras no final do século 19 e começo do 20 seguiram essa trilha. Não existe nada de específico nessa comparação que contribua para o estabelecimento de um ponto de contato relevante entre ambos. Do mesmo modo, o eixo da sala seguinte, chamado *Op weg naar inzicht* (algo como “no caminho do entendimento”), continua genérico ao comparar como cada um deles foi abandonando a paisagem e experimentando com novos



Fig.2 - Piet Mondrian  
*Faro em Westkapelle em laranja, rosa e roxo*, 1910  
 Óleo sobre tela, 135x75 cm  
 Kunstmuseum, Haia  
 Foto: Felipe Martinez



Fig. 3 -  
Piet Mondrian  
*Evolução*, 1911  
Óleo sobre tela,  
186 x 87 cm  
(painel central),  
168 x 85 cm  
(painéis laterais)  
Kunstmuseum, Haia  
Foto: Felipe Martinez



Fig. 4 - Hilma Af Klint  
Quatro pinturas da série  
"Pinturas para o Templo",  
1906-15  
Dimensões variáveis,  
Hilma af Klint Foundation  
Foto: Felipe Martinez

motivos ligados a uma compreensão esotérica do mundo. Por exemplo, a série “Evolution” de Mondrian (fig. 3) está justaposta aos estudos de Af Klint para suas “Pinturas do templo” (fig.4), obras que a artista pintou após ter recebido uma encomenda de seus guias espirituais, Amaliel e Ananda. Elas fazem parte das obras feitas por ela no período em que se reunia com o Grupo das Gincos (*De Fem*, em sueco), um projeto coletivo que fazia parte de sua missão espiritual. Apesar da afinidade mística entre as séries, os estudos de af Klint pouco têm a ver com os experimentos formais que Mondrian começava a realizar no sul da Holanda, menos ainda com seu posterior encontro com nomes como Theo van Doesburg e Baart van der Leek durante a Primeira Guerra Mundial.

Por outro lado, a sala seguinte acerta ao explorar a relação que os artistas tiveram com o motivo árvore (de boom, árvore em holandês), novamente atentando para a relação de ambos com a natureza. A evolução de Mondrian é didaticamente explicada a partir de sua representação do motivo: aos

poucos vai simplificando as formas da árvore em linhas ortogonais básicas e ecoando os procedimentos cubistas com que entrou em contato antes da Primeira Guerra (fig. 5 e fig. 6). As árvores de af Klint, por outro lado, são sinuosas, biomórficas e fazem parte de suas investigações espirituais, como as leituras que ela fez de Yggdrasil, lendária árvore da mitologia nórdica, ou sua série “árvore do conhecimento” (fig. 7). Embora os dois artistas partam do motivo, o tratamento dado a ele é bastante distinto na obra de cada um. Mondrian tem preocupações formais inspiradas pelos procedimentos cézannianos de desintegração da forma e investigação do espaço que guiava boa parte dos artistas do período. Essa simples justaposição, sem peripécias interpretativas, permite que o espectador visualize como cada um deles trilhou seu caminho nas primeiras décadas do século.

Este último eixo prova que a exposição ganha força quando obras dos artistas são simplesmente justapostas, sem paralelos forçados, como também ocorre nas salas

nomeadas *Evenwicht* (equilíbrio) e *De Bloem* (a flor), que mostram como cada um lidou com ideia de equilíbrio e com o motivo flor. A arte produzida por ambos progride por vias distintas: Mondrian está mais próximo dos desenvolvimentos das vanguardas artísticas do começo do século; af Klint, em diálogo com doutrinas esotéricas como a teosofia e a antroposofia. Isso não deve levar a crer, no entanto, que apenas a pintora sueca fosse adepta dessas correntes místicas. Como é sabido, Mondrian também se aproximou das teorias de Madame Blavatsky e Rudolf Steiner, mas o impacto que elas tiveram em sua obra foi menor, como bem mostra a exposição.

### ESOTERISMO CIENTÍFICO

O progresso científico das décadas finais do século 19 e iniciais do 20 foi metabolizado pelas principais doutrinas esotéricas em voga no Ocidente, como a antroposofia e a teosofia. Tanto Af Klint quanto Mondrian se relacionaram com



Fig. 5 - Piet Mondrian  
A árvore cinza, 1911  
Óleo sobre tela,  
79x109 cm  
Kunstmuseu, Haia  
Foto: Felipe Martinez



Fig. 6 -  
Piet Mondrian  
*Macieira em  
flor*, 1912  
Óleo sobre tela,  
78 x 107 cm  
Kunstmuseum,  
Haia  
Foto: Felipe  
Martinez



Fig. 7 - Hilma af Klint  
*A árvore do conhecimento - número 1*, 1913  
Aquarela sobre papel, 46 x 30 cm  
Hilma af Klint Foundation  
Foto: Felipe Martinez

essas doutrinas, sem as quais o entendimento de suas biografias e obras fica incompleto. Para artistas e intelectuais simpatizantes desses movimentos, não havia divisão clara entre o progresso da ciência e a vida espiritual: eles se imbricavam à medida que o século avançava.

No caso da pintora sueca, o interesse pelo esoterismo anda lado a lado com o interesse pela ciência. Suas obras fazem parte da busca por uma racionalidade presente na natureza que, revelada pela ciência, conduziria a um mundo espiritualmente elevado. Assim, suas obras ser vistas como parte de uma pesquisa, do desenvolvimento hipóteses e propostas para a compreensão do mundo a partir das doutrinas que ela seguiu, especialmente a teosofia, como atestam as cartas trocadas com Steiner presentes na mostra.

Mondrian tornou-se membro da Associação Teosófica de Amsterdã em 1908, mas o impacto das ideias de Rudolf Steiner sobre sua obra, especialmente na fase abstrata, foi limitado, como argumenta Carel Blotkamp<sup>9</sup>. Apesar de seu interesse

pela teosofia, como evidenciam as cartas que trocou com Steiner e algumas das parcas anotações que fez em seus cadernos, e principalmente a série “Evolution”, a inclinação esotérica de Mondrian perde força em sua obra quando ele começa a trabalhar com seus compatriotas do De Stijl. Af Klint, por sua vez, manteve-se fiel a sua proposta e a seu método esotérico-científico. A exposição acerta em não criar uma convergência artificial entre as obras de ambos por meio da espiritualidade, elas são produto de uma relação cultural complexa, com pontos de contato e distanciamento, entre racionalidade e espiritualidade; ciência e esoterismo. Nesse sentido, classificar a obra de Mondrian como racional e a obra de af Klint como esotérica é ignorar não apenas a biografia de ambos, mas também a própria natureza desses movimentos no começo do século passado.

Esse esoterismo que atraía os dois artistas se beneficiou das inovações trazidas pela modernidade, como o telégrafo, as estradas de ferro e novas tecnologias de impressão, que

aumentavam a propagação de gravuras, livros e outros materiais impressos, como demonstrou Lori Lee<sup>10</sup>. Na prática, os avanços concretos trazidos pelo capitalismo industrial facilitaram que publicações de cunho transcendental. Periódicos como The Theosophist, The Lamp, The Path, Lucifer: A Theosophical Magazine, bem como variadas sociedades regionais de teosofia, mostravam que o ocultismo andava lado a lado com o progresso da Belle Époque. Essas doutrinas também foram responsáveis por criar a imagem de um oriente espiritualizado, transcendente, que servia como contraponto ao mundo industrial europeu - o que também só pode ser compreendido dentro do contexto de expansão e dominação colonial daqueles anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção da exposição de relacionar os dois artistas com a crise climática atual parece ter pouco a ver com a obra de Piet Mondrian e Hilma af Klint e não sobrevive para

além dos textos do catálogo, onde a relação é pouco convincente<sup>11</sup>. Um enquadramento preferível, embora ainda fraco, seria explorar como a época em que os dois viveram contribuiu para o desastre climático atual. As boas obras quase sempre escapam ao espaço mental, muitas vezes estreito, que os curadores delimitam para elas. Felizmente para o público, no caso de Af Klint e Mondrian, as pinturas falam por si, e os bons momentos da exposição são aqueles em que essa fala é respeitada.

A mostra cresce quando sugere relações sutis entre os artistas, que permitem que o visitante compreenda as ligações e contradições entre eles sem uma medição exagerada. É o que acontece no eixo que tem como tema a árvore. Também fica claro pela exposição que o interesse pelo esoterismo e pelas ideias de personagens como Rudolf Steiner são parte integrante de como o discurso científico da modernidade foi recebido por intelectuais e artistas. Embora os eixos propostos nem sempre convençam a respeito da proximidade

entre os dois, o mérito da exposição é justapor as obras de Mondrian e af Klint e, com isso, permitir que o olhar inteligente entenda os caminhos variados da abstração do início do século 20, sem eleger precursores ou traçar uma linha do tempo estéril.

## NOTAS

1 Título da exposição em holandês; Para o português, a palavra *levensvormen* pode se traduzida como formas de vida. O nome da versão montada na Tate meses antes: Hilma af Klint & Piet Mondrian: Forms of Life.

2 A exposição ficou em cartaz no museu de Haia de 07 de outubro de 2023 a 25 de fevereiro de 2024, onde visitei a exposição.

3 Essa exposição foi originalmente montada no Los Angeles County Museum of Art, em Los Angeles.

4 Refiro-me às exposições “Hilma af Klint: Paintings for the Future”, montada no Guggenheim em 2018 e à exposição “Hilma af Klint: Mundos Possíveis”, montada na Pinacoteca de São Paulo também no mesmo ano.

5 A exposição teve curadoria de Frances Morris; Nabila Abdel Nabi; Briony Fer; Laura Stamps e de Amrita Dhallu.

6 Brinbaum, D. et al. Hilma af Klint & Piet Mondriaan, *Levensformen*. Tate Publishing, Kunstmuseum Den Haag, London, Den Haag, 2023, p. 8.

7 A excelente Mondrian Evolution foi organizada em 2022 pela Fundação Beyeler, Riehen/Basel e pela Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, em Düsseldorf, em cooperação com o Kunstmuseum de Haia.

8 Bienal de São Paulo, Catálogo da Segunda Edição, São Paulo, 1953. p. 191.

9 Bessen, K. et al. *Mondrian Evolution*. Fondation Beyeler, Hatje Cantz. Berlin, Riehen, 2022. p.26.

10 Brinbaum, D. op. cit. p. 157.

11 Veja por exemplo, o texto escrito por Nabila Abdel Nabi para o catálogo da mostra.

## FELIPE MARTINEZ

Doutor em História da Arte pela Unicamp, com pós-doutorado no MAC-USP e na Universidade de Amsterdã. É professor da pós-graduação da PUC-SP e do MASP Escola. Autor de “O Escolar de Van Gogh” (Edusp) e tradutor de “Cartas a Theo” (Editora 34). Também é membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e do Conselho Internacional de Museus (ICOM).